

## ***The empty boat: A experiência da prisão e do exílio iminente em Caetano Veloso (1969)***

Márcia Cristina Fráguas<sup>145</sup>

**Resumo:** Esta comunicação tem por objetivo apresentar a análise e a interpretação de alguns aspectos poético-musicais do disco *Caetano Veloso* (1969) escrito e gravado durante a prisão do compositor pela ditadura militar no final dos anos de 1960, a fim de compreender o modo como as canções expressam aspectos da experiência da prisão e do exílio iminente de seu autor. Durante a apresentação serão abordadas as análises formais das canções “The Empty Boat” e “Os Argonautas” em sua articulação letra e música, bem como o contexto em que foram compostas. O período entre dezembro de 1968 a junho de 1969, compreende a permanência de Caetano Veloso prisioneiro no Rio de Janeiro, seu subsequente traslado para a prisão domiciliar em Salvador, período no qual ocorrem as tratativas de exílio. Em *Caetano Veloso* (1969), as questões do corpo e do esvaziamento subjetivo, vivenciados na experiência da prisão, aparecem figurados nas canções analisadas, sobretudo nas metáforas do barco à deriva, que se confundem com partes do corpo do eu-lírico. O clima de medo, o destino incerto e à revelia, assim como o sofrimento advindo das privações físicas na cadeia, permeiam as canções deste disco. Além disso, a prisão de Caetano Veloso e Gilberto Gil, em decorrência do Ato Institucional N°5, evidenciou como a questão dos costumes, da cultura e dos modos de vida eram percebidos pelos militares como uma arena política decisiva.

**Palavras-chave:** Caetano Veloso; MPB; Canção; Exílio; Ditadura.

Em 27 de dezembro de 1968, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos, na esteira do Ato Institucional N° 5, que havia sido decretado no dia 13 daquele mês. Levados de São Paulo ao Rio de Janeiro para a sede do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, órgão da Polícia Federal. Dali, seriam transferidos para a sede da Polícia do Exército e, posteriormente, para uma vila militar em Deodoro. Após 54 dias de

---

<sup>145</sup> Bacharela em História pela USP, desenvolve a dissertação de mestrado: “*It’s a long way: poética do exílio na obra fonográfica de Caetano Veloso (1969-1972)*” no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do DLCV, na FFLCH-USP, com orientação do professor Ivan Francisco Marques. E-mail: mcfraguas@usp.br

detenção no quartel, os músicos baianos foram confinados em Salvador, numa prisão domiciliar que durou quatro meses. Nesse período, começam as tratativas de exílio e a produção de novos discos que seriam, respectivamente: *Caetano Veloso* (1969) e *Gilberto Gil* (1969).<sup>146</sup>

Gravada ainda no Brasil, a obra que seria conhecida como “o álbum branco do Caetano”<sup>147</sup>, em referência ao disco dos Beatles lançado no ano anterior, ambos com suas capas brancas, teve seu processo de composição marcado pela experiência da prisão de seu autor. Júlio César Lobo, em seu artigo “*Novas canções do exílio: história, poesia e memória do desterro na obra de Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1969-1972*” (2013), aponta a presença de metáforas náuticas em algumas faixas do disco de 1969, como índice do exílio iminente. Dentre elas, “The Empty Boat”, e “Os Argonautas”.

### **Um barco vazio atravessa o mar**

“The Empty Boat”, segunda canção do lado A, é a mais pungente do álbum, com voz, percussão e violão em primeiro plano, que produzem uma atmosfera de silêncio e gravidade, em oposição aos arranjos de cordas, sopros e guitarra, que por sua vez imprimem estridência e dramaticidade. Os dois acordes que a compõem, Sol menor e Dó maior com o baixo em Sol, conferem um efeito de ondulação à canção, feito um barco à deriva, intensificado pela marcação rítmica da percussão, que emula o som do baque de um barco em seu ancoradouro. O tom menor tem a característica de produzir uma atmosfera de melancolia e sobriedade, expressados aqui, no início da canção, pela marcação solitária dos dois acordes ao violão. Um a um, os elementos do arranjo são inseridos: os oboés se contrapõem à interpretação austera de Veloso, cantando na oitava mais grave do tom da música durante a primeira vez em que todos os versos da canção são entoados. Na terceira estrofe, o arranjo de cordas e o contrabaixo adensam a introspecção da melodia. Na segunda vez em que Veloso retoma os versos desde o início, a guitarra elétrica distorcida e o canto, agora uma oitava acima, transmitem dramaticidade crescente à interpretação. Vindo logo em seguida à alegria de “Irene”, o clima sombrio de “The Empty Boat” e sua letra em inglês produzem um contraste bastante evidente na

---

<sup>146</sup> Sobre isso, a propósito da composição de “Aquele Abraço”, Gilberto Gil comenta que algumas das canções desse período foram compostas durante a negociação do exílio com os militares. (SEVERIANO, MELLO, 1998, p. 140)

<sup>147</sup> Embora a divulgação das imagens fosse proibida, daí a capa em branco, não havia proibição de radiodifusão das canções de Gil e Caetano.

audição do disco. Nesse sentido, alguns elementos líricos se destacam em “The Empty Boat”. A partir de uma analogia entre as partes da embarcação e do próprio corpo do eu-lírico (LOBO, 2013, p. 5), se formam imagens de esvaziamento: *From the stern to the bow/ Oh, my boat is empty/ Yes, my heart is empty / From the hole to the how*. Assim, da popa à proa, o barco está vazio, como o coração do eu-lírico, sem entender muito bem as circunstâncias em que se encontra. Na segunda estrofe, ainda com o barco vazio, começa a surgir um movimento, a partir do leme, embora a mão que o conduza também se apresente vazia: *From the rudder to the sail/ Oh, my boat is empty / Yes, my hand is empty / from the wrist to the nail*. Este último verso, do pulso até à unha, é o espaço delineado pela palma da mão, comumente associada ao destino. Um barco vazio, com a mão vazia, conduzido à revelia do próprio destino. A terceira estrofe apresenta o barco em plena viagem: *From the ocean to the bay/ oh, the sand is clean/ my mind is clean/ From the night to the day*. Do oceano até a baía (Bahia?), a areia é clara, mas a mente parece mais esvaziada do que propriamente limpa, do dia para noite, no verso que, de maneira mais explícita, parece estar associado à situação de confinamento e deriva. E ele prossegue: *From the stern to the bow / Oh, my boat is empty / Yes, my head is empty / From the nape to the brow*. A cabeça, assim como o barco, de popa à proa, navega vazia, da nuca até a sobrancelha. Este verso possivelmente foi inspirado num dos episódios mais tensos descritos por Veloso em *Verdade Tropical*, quando ele teve a cabeleira raspada na prisão<sup>148</sup>.

Finalmente, o deslocamento é longo<sup>149</sup>, mas o sonho que motiva o percurso está errado, do nascimento à morte: *From the east to the west/ Oh, the stream is long/ Yes, my dream is wrong / From the birth to the death*. O mais amargo verso desta canção é entoado quase aos gritos, respondido pelo solo de guitarra, igualmente agônico, que se estende *ad infinitum*, até que a música desaparece em *fade out*.

Por sua vez, “Os Argonautas”, fado composto por Caetano Veloso que fecha o lado A, tem as estrofes construídas em torno do acorde de Dó menor, o que dá um tom mais melancólico à canção. O refrão, por sua vez, se estrutura em Dó Maior, causando uma abertura melódica solar sobre o verso de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso /

---

<sup>148</sup> O episódio é recontado em outra canção, “In the Hot Sun of a Christmas Day”, do disco de 1971. Caetano pensou que seria fuzilado, ao ser levado ao pátio da prisão tendo um fuzil contra as costas, mas apenas lhe cortaram os cabelos.

<sup>149</sup> Tema retomado em “It’s a Long Way” do disco *Transa* (1972) em que Caetano Veloso cita “The Long and Winding Road”, dos Beatles, como mote para uma meditação sobre o longo deslocamento do eu-lírico até ali.

Viver não é preciso”. Este verso confere à canção um aspecto mais de coragem do que resignação, ainda que não se aviste o porto de chegada. O diálogo com “The Empty Boat” inicia-se com a comparação entre a nau e o coração, trazendo novamente a presença da oscilação, desta vez, expressada nos pares de sentimentos opostos: “O *barco* / meu *coração* não aguenta / Tanta *tormenta* / *Alegria*/ meu *coração* não contenta / o *dia* / o *marco* / meu *coração* / o *porto* / não.”

“Navegar é preciso, viver não é preciso”, a exortação de coragem proferida por Pompeu a seus marinheiros, segundo Plutarco, e que se torna “Palavras do Pórtico” em Fernando Pessoa, tem seu sentido misturado no fado de Caetano Veloso. Navegar se confunde com viver, quando ambos não têm destino certo, nem exatidão e, no entanto, é necessário partir. Assim, o barco solto é também como um sorriso perdido, quando mesmo o dia que amanhece é um horizonte incerto, que se confunde com o nada. Há novamente a oscilação entre opostos: “O *barco* / *noite* no céu tão bonito / sorriso solto perdido / *horizonte* / *madrugada* / O *porto* / *nada*”. Na última estrofe, o barco se torna meio de transporte moderno, carro, trem, que opõe sua agilidade ao porto incerto, transfigurado em imagens de silêncio e morte: “O *barco* / o *automóvel* brilhante / o *trilho* solto / o *barulho* /do meu dente em sua *veia* /o *sangue*/ o *charco* / *barulho* lento / o *porto* / *silêncio*”.

Flora Süssekind (2007, p. 54) comenta sobre o modo como a experiência cultural antropofágica da geração de artistas dos anos 1960 - que depois acabou por vivenciar a prisão, a tortura e o exílio impostos pela ditadura militar - se transfigura na revisitação de formas diversas de vampirização que sublinhariam, ao mesmo tempo, a dissolução de uma dimensão coletiva, bem como a devoração pela nova ordem política. Os últimos versos de “Os Argonautas” trazem o vampiro algoz que conduz a um porto-silêncio, que pode ser entendido como a própria morte. E, contudo, talvez por isso mesmo, navegar nunca tenha sido tão necessário. Todavia, a música termina em suspenso, no acorde da guitarra portuguesa em Ré com sétima deixando no ar a pergunta: “Viver?”. Esta finalização não se dá pelo acorde completo, mas pelo trítono<sup>150</sup> do acorde de Ré com sétima, as notas Dó e Fá sustenido. O brilho da guitarra portuguesa ressalta a estridência da pergunta que fecha o lado A.

---

<sup>150</sup> “O trítono (ou quarta aumentada, intervalo de três tons que temos, por exemplo, entre o fá e o si ou o dó e o fá sustenido) é baseado numa relação numérica de 32/45. Divide a oitava ao meio, e é igual à sua própria inversão: projeta com isso uma forte instabilidade. Foi evitado na música medieval como o próprio *diabolos in musica*” (WISNIK, 2014: 64)

A prisão dos baianos, na esteira dos eventos já descritos, evidencia o que Alexandre Nodari destaca na introdução de *O Tropo Tropicalista* de João Camilo Penna (2017, p. 14): “os costumes, os modos de vida, as práticas corporais, a sexualidade, haviam se tornado – esse é o sentido de 1968 – um palco político decisivo”. Justamente por isso, após o AI-5, o Conselho de Segurança Nacional estava atento à “subversão dos costumes”, que “minaria as bases morais da sociedade, gerando um ‘clima de intranquilidade e agitação’, propícios à derrubada revolucionária da ordem”.

Caetano Veloso e Gilberto Gil partem para o exílio em julho de 1969, advertidos pelos militares de que não deveriam retornar ao país. No mês seguinte, ocorre o lançamento do disco *Caetano Veloso* (1969). No álbum as questões do corpo e do esvaziamento subjetivo, vivenciados na experiência da prisão, aparecem figurados nas canções analisadas, sobretudo nas metáforas do barco à deriva, que se confundem com partes do corpo do eu-lírico. O clima de medo, o destino incerto e à revelia, bem como o sofrimento advindo das privações físicas na cadeia, permeiam as canções deste disco e são bem definidas por Caetano Veloso, que a propósito da experiência da prisão, sempre cita o diálogo que teve com Rogério Duarte no final dos anos 60: “Rogério, como já contei, tinha me feito a observação de que, quando a gente é preso, é preso para sempre, e eu me sentia sob uma sombra pesada” (VELOSO, 1997, p. 418).

Ao chegar em Londres, numa crônica escrita para o *Pasquim* em forma de carta endereçada a Freud e intitulada “Meu caro Sigmund”, de 11 de setembro de 1969, Caetano escreve: “Tendo ido a Lisboa e Paris, ainda não tinha chegado ao *estrangeiro*. Aqui é o estrangeiro.” (VELOSO, 1977, p. 42).

Nesse contexto, é possível especular que a introdução de composições em inglês em seu disco pré-exílio já teria sido uma despedida, antecipando a vivência em terra estrangeira, se lembrarmos que o compositor, anos depois, na canção “Língua”, do disco *Velô* (1984), escreveria que “A língua é minha pátria”. No processo de adaptação ao novo país e sua língua, Caetano buscaria discos voadores no céu de Londres, ao sair de suas aulas de inglês em Chelsea. Porém, essa é uma outra história.

## Referências Bibliográficas

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: 34, 1997.

LOBO, Júlio César. “Novas canções do exílio: história, poesia e memória do desterro na obra de Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1969-1972”. IN: *Revista Contemporânea: dossiê história e literatura*, ano 3, número 4, volume 2. Niterói: UFF, 2013, p. 1-27.

PENNA, João Camillo. *O tropo tropicalista*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

SEVERIANO, Jairo, MELLO, Zuzá Homem de. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras*. Vol. 2: 1958-1985. São Paulo: 34, 1998.

SUSSEKIND, Flora. “Coro, contrário, massa: a experiência tropicalista e o Brasil de fins dos anos 60”. IN: BASUALDO, Carlos. *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_, SALOMÃO, Waly. *Alegria, alegria*. Rio de Janeiro: Pedra Q Ronca, 1977.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no cone sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

## **Discografia**

VELOSO, Caetano. *Caetano Veloso*. Phonogram/Polygram, 1969.

\_\_\_\_\_. *Velô*. Polygram, 1984.